

## Cartografia da memória: o tecido das reminiscências na construção de Becos da Memória, romance de Conceição Evaristo

Cartography of Memory: the fabric of reminiscences in the construction of  
Becos da Memória, a novel by Conceição Evaristo

**Mariana da Silva Santos**

Universidade Estadual do Centro-Oeste

**Juliano de Mesquita Pinheiro**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Marilda Aparecida Lachovski de França**

Universidade Estadual do Centro-Oeste

**Resumo:** Este artigo analisa aspectos como memória, identidade e pertencimento no romance de Conceição Evaristo, *Becos da Memória*. A autora utiliza a linguagem literária para entrelaçar memórias pessoais e coletivas, articulando-as com questões de pertencimento, identidade e espaço, especialmente no contexto de desfavelamento e marginalização urbana no Brasil dos anos 1980. Como embasamento teórico, são considerados os estudos, especialmente, de Gagnebin (2009), que discute a relação entre lembrar, escrever e esquecer; Martins (2021), que explora as “Afrografias da memória” e a importância das tradições culturais na preservação da memória; Monteiro (1988), que aborda as crises na geografia e suas implicações.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; *Becos da Memória*; Escrivência

**Abstract:** This article analyzes aspects such as memory, identity and belonging in Conceição Evaristo's novel, *Becos da Memória*. The author uses literary language to interweave personal and collective memories, articulating them with questions of belonging, identity and space, especially in the context of urban slum clearance and marginalization in Brazil in the 1980s. As a theoretical basis, we consider the studies of, especially, Gagnebin (2009), who discusses the relationship between remembering, writing and forgetting; Martins (2021), who explores the “Afrographies of memory” and the importance of cultural traditions in preserving memory; Monteiro (1988), who addresses the crises in geography and their implications.

**Keywords:** Conceição Evaristo; *Becos da Memória*; Escrivência

## Introdução

Um corpo transbordante de memória. O sangue das lembranças e dos esquecimentos infiltrando-se na tênue fronteira entre o tempo passado e o tempo presente. Corrente que circula incessante pelo organismo, conferindo a cada pedaço de tecido esgarçado, que timidamente denominamos de experiências, uma renovação constante. É com essa e outras percepções metafóricas sobre a memória que Conceição Evaristo em *Becos da Memória* (2017) conduz a narrativa, refletindo durante toda a escrita do romance sobre questões (tecidas na e pela ficção) referentes à memória.

É importante salientar que o substrato temporal que compõe tais memórias é relativo à 1987/88, sendo, pois, anterior à escrita ao seu primeiro romance publicado, *Ponciá Vivêncio* (2003), ou seja, a temporalidade histórica na qual as lembranças, e também os esquecimentos, são enredados é a do período de redemocratização e conquista de liberdade e constitucionalidade cidadã. A memória é operada por Conceição Evaristo como recurso que possibilita aos leitores (re)conhecer um período da história brasileira anterior à redemocratização. Segundo a autora, a narrativa poderia estar localizada em uma espécie de crônica, que foi escrita ainda em 1968 e, além disso, “serve de tela para a pintura do passado e tende a transbordar a moldura histórica” (Selegmann-Silva, 2003, p. 17).

Discussões a respeito dos tempos da memória são confeccionadas dentro da escrita ficcional de Evaristo. Porém, ao adentrarmos no domínio do recordar, é necessário compreendermos quais e como se configuram os (des)acordos entre memória e história, considerando a literatura como espaço de leitura, pertencimento identitário e geográfico sobre o tempo e suas camadas temporais. O desdobramento entre história e memória, portanto, se estrutura na narrativa, rompendo a relação entre a lembrança - da ordem do individual e subjetivo, e da história, como universal. Memória e história, neste sentido, são pontos de retorno, de aproximações possíveis, que atestam para a necessidade do “recordar”, como modo de preservação e manutenção da narrativa, constituída nessa mesma relação.

Diante do exposto, buscamos analisar como a escritora Conceição Evaristo, no romance *Becos da Memória*, utiliza-se da linguagem literária e dos recursos ficcionais para tratar do conceito de escrevivência e os usos da memória, atentando para as relações existentes entre o signo literário e os vestígios das lembranças ligadas ao espaço e às ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.

A configuração do tempo da memória no romance de Evaristo está intimamente ligada a aspectos como identidade, pertencimento e localidade, profundamente impactados pelas experiências da autora durante sua infância, incluindo a vida nas favelas e os planos de desfavelamento implantados em diversas cidades brasileiras ao longo da segunda metade do século XX. Conforme Gagnebin

(2009), é característico da experiência do trauma e do choque a impossibilidade do esquecimento, com uma insistência na repetição.

Entendemos a escrita de Conceição Evaristo como uma prática historicamente localizada, uma vez que articula e interage com as disputas pelos sentidos do tempo, ou seja, a narrativa literária dialoga e, paradoxalmente, se distancia da narrativa histórica, tendo em vista que ambas questionam e (re)configuram o tempo, mobilizando-o com suas características específicas e confluentes.

Nesse sentido, cabe questionarmos: como Conceição Evaristo faz uso tanto das próprias memórias ligadas à sua experiência de pertencimento da comunidade em que vivia como do retrato espacial desta comunidade para a composição da narrativa de *Becos da Memória*? De que modo a autora opera os conceitos, métodos e problemáticas historiográficas na construção de *Becos da Memória*? Como se dá o processo de (re)criação da narrativa sobre o desfavelamento no Brasil a partir do entrecruzamento da memória com a historiografia literária alternativa?

Tais questionamentos nos fazem compreender que a memória se constitui como espaço de disputa política, ideológica e simbólica, sendo assim construída e desconstruída, num movimento constante e permanente, a partir das tensões entre a esfera íntima, pessoal e a esfera pública, coletiva. Dessa maneira, ao utilizar o recordar como recurso propulsor da sua escrita literária, Conceição Evaristo mobiliza memórias subterrâneas<sup>1</sup> que “[...] longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (Pollak, 1989, p. 5).

Desse modo, podemos elucidar que o desenvolvimento deste texto irá contribuir para a reflexão sobre como o discurso histórico e o discurso literário, nas suas aproximações e distanciamentos, vão mapeando os tempos das narrativas da memória, além de pensar quais os fios que enredam as lembranças e os esquecimentos nas práticas sociais dos sujeitos, e como esses procedimentos são formas de (ins)crever a história.

## **Espaço, memória e pertencimento**

O romance objeto desta pesquisa, embora tenha sido escrito a obra na década de 1980, somente chegou ao público em 2006, pela editora Pallas do Rio de Janeiro. Sua narrativa flutua entre o passado e o presente de Maria-Nova, personagem que se encontra, desde o início da estória, responsável em dar vozes às demais; pois, é à Maria-Nova que os indivíduos da favela recorrem para contarem suas lembranças. A construção do espaço geográfico é dinâmico, os becos são artérias que se (co)fundem num processo identitário.

As camadas variadas de memórias e vivências (tanto ouvidas, como vividas) que Maria-Nova cria na escrita, formam uma subjetividade multifacetada de uma jovem mulher melancólica

<sup>1</sup> Expressão que se refere à voz das lembranças de grupos excluídos, marginalizados, minoritários que durante muitos anos foi confinada ao silêncio pelos discursos oficiais.

que sofre com o processo de desfavelamento. A partir dessa análise, é possível refletir de que forma se constrói a memória geográfica, num contexto urbano de pobreza e marginalização dos anos 1980, materializada, poder-se-ia argumentar, através da escrevivência. O termo cunhado pela escritora surge em 1994, quando a escritora ao escrever sua dissertação de mestrado viu a necessidade de qualificar essa prática de escrita ficcional atrelada à experiência individual/coletiva. Em entrevista ela comenta:

O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e bás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências. (Acauan, 2019, s/n).

Becos da Memória (2017), assim como outros tantos escritos da autora, tem, então, como pilar a experiência pessoal e coletiva de Conceição Evaristo, oriundas do desterro e do choque causados pelo despejo forçado de seu lugar de origem, de sua identidade, de sua gente; fontes para a construção de uma narrativa que luta contra a segregação, o preconceito e a repetição de estereótipos colonialistas. No entanto, em um texto introdutório para o livro, a escritora alerta para o fato de que: “nada do que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da memória é mentira.” (2017, p. 10); reforçando que a inspiração advinda da sua bibliografia não anula a ficcionalidade do texto.

A voz narrativa de Becos varia entre a primeira e a terceira pessoa. É possível perceber que a voz que fala em primeira é da protagonista Maria-Nova, que abre o romance trazendo elementos importantes para a sua contextualização. Logo no início do romance, nos é apresentado a avó de Maria-Nova, Vó Rita, o ambiente da casa dela e seus entornos, para quem escreve e pretende homenagear postumamente, assim como as lavadeiras, os bêbados, as putas, os malandros e a personagens/moradores, “Homens, mulheres, crianças que se amontoram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo, 2017, p. 13).

A autora ao se debruçar sobre os espectros advindos dos jogos da memória, relacionados à sua vivência social, acadêmica e literária, juntamente com as narrativas coletivas, inscreve sua experiência subjetiva, constituindo um romance composto de múltiplas temporalidades por meio da ficcionalização da memória.

Augusto de Figueiredo Monteiro, em “Travessia da crise” (1988) argumenta que a geografia possui a função primordial de capacitar o homem a encontrar seu lugar no mundo, para ele:

Não importam suas variações e oscilações através dos tempos históricos. O que permanece – tal como o núcleo do átomo cercado das mais estranhas propriedades entre os

constituintes e em relação à energia que o define – é o vínculo primordial, entre o homem e o lugar na terra, onde os mortais residem, junto com as coisas. (Monteiro, 1988, p. 141).

É nesse contexto que observamos a escrevivência de Conceição Evaristo, especialmente através da personagem Maria-Nova, que se apresenta como um elo de pertencimento, memória e construção de seu próprio lugar e daqueles que dependem dela para revelar suas histórias e vivências.

Inicialmente, Maria-Nova demonstra certa inocência, fascinada pelas histórias dos moradores de sua comunidade. Com o tempo, seu distanciamento crítico e amadurecimento ocorrem graças ao seu letramento formal, ao hábito de ler e à capacidade de interpretação que ela gradualmente desenvolve. Tanto é que em certa situação, quando sua professora de História decide discutir a “Libertação dos Escravos”, contrariando a ideia hegemônica e simplista de liberdade, a protagonista se posiciona de maneira distinta a de seus colegas.

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. [...] Tinha para contar sobre a senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. [...] Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre [...] Pensou nas crianças da favela: poucas, pouquíssimas, podia-se contar nos dedos as que chegavam à quarta série primária. (Evaristo, 2017, p. 138).

A própria professora de História, inclusive, destaca que Maria-Nova é a única aluna da turma que “chegava às conclusões” ao ler e comparar textos (Evaristo, 2017, p. 110). Essas habilidades de leitura e progressão acadêmica permitem a Maria-Nova não apenas inserir-se num contexto mais amplo da vida urbana, mas também lhe conferiam autoridade para contar a história de sua comunidade.

Esse desejo da personagem em registrar suas experiências e de seus semelhantes, lhe permite, por consequência, divulgar a coexistência cultural que marca a identidade, a memória e a cultura popular brasileira. Conforme Leda Maria Martins (2021) afirma em *Afrografias da Memória*, isso “revela a riqueza das tradições trazidas pelos antepassados”, além de jogar holofote sobre a história de resistência e sobrevivência das populações marginalizadas, cujas vozes foram silenciadas durante e após a escravidão.

Ao integrar na cultura dominante sua voz, cores e formas de sociabilidade, Maria-Nova cria novas formas de pertencimento e acolhimento comunitário. Ela dá forma aos becos e dá voz às personagens locais, transformando suas vivências em matéria narrativa. Sua constante identificação, seguida de um distanciamento crítico, justifica-se pela intenção de tornar conhecida a história da comunidade e denunciar as injustiças resultantes da opressão de classe nas favelas urbanas, como em Belo Horizonte. Maria-Nova tem a autoridade para narrar, através das relações de confiança entre as personagens, as múltiplas vozes que ali coexistem.

Em outro momento da narrativa, buscando entender o mundo ao seu redor e o espaço que lhe pertence, Maria-Nova conclui que precisa se tornar uma “menina esguia, olhos curiosos, expressão

entre séria e triste” (Evaristo, 2017, p. 91). A voz narrativa eventualmente se amplia, abordando outras personagens da comunidade. Maria-Nova passa a se referir a si mesma na terceira pessoa, enfatizando a presença, o olhar e a atitude de escuta da personagem. Ela habita um tempo e um espaço repletos de memórias, lembranças e esquecimentos forçados. Ao narrar suas histórias e as dos moradores, Maria-Nova constrói uma cartografia própria, cheia de descobertas sucessivas. O espaço que lhe pertence se torna uma escrita possível, uma escrita aberta.

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado debranco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. (Evaristo, 2017, p. 31).

Na obra, os lugares e paisagens organizam a memória da personagem, criando um tecido narrativo onde elementos históricos se entrelaçam com elementos subjetivos. Dessa forma, os objetos, impregnados de historicidade e subjetividade, permitem ao sujeito elaborar uma narrativa para si e para o mundo ao seu redor.

A escrivência de Conceição Evaristo em *Becos da Memória* revela como a geografia literária pode servir como um poderoso instrumento de resistência e construção identitária. Ao explorar a trajetória de Maria-Nova, Evaristo não só reconstrói a memória coletiva de uma comunidade marginalizada, como traz à luz o sofrimento daqueles, o direito básico de habitar, existir em seus lares, lhes foi negado. Como aconteceu com o querido “Tio Totó”, cujas experiências encantavam Maria-Nova. Antônio João da Silva, era um dos muitos residentes da favela descendente de escravos, nascido na “Lei do Ventre Livre”, sua liberdade não impediu que também trabalhasse em fazendas em condições análogas à escravidão e, por consequência, se deparasse com tragédias nunca reparadas, como quando ao ser obrigado a atravessar um rio, depois de despejado, viu sua mulher e filha serem engolidas pelas águas e, mesmo depois de contemplar o desejo de se deixar levar pelas correntezas, “Continuou ali, covarde, sem muita coragem de voltar ao rio e à vida” (p. 24).

Depois de enfrentar tantas adversidades, Totó, esperava poder ter descansar, criar raízes e habitar, no entanto, o desfavelamento não permitia que aquele laço, colocado por Monteiro (1988) como um “vínculo primoridal”, pudesse continuar.

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. [...]  
- Pedi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. [...] Meu corpo pede terra. (Evaristo, 2017, p. 17).

Pelo excerto transcrito, Evaristo não apenas representa os sentimentos das personagens que tanto sofreram com o despejamento de suas casas, que nas palavras da autora “traziam o coração dolorido” (p. 22), mas finalmente projeta para um maior público, as dores daqueles obrigados a se desfazer de suas casas e recomeçar em outro espaço uma nova vida, quando ainda seus sentimentos e memórias pendiam para seus lugares de origem. Seu querido tio Totó, quem lhe compartilhava as histórias, reconhecido pelo epíteto de “homem de risos e sorrisos fartos” (p. 38), representação da força e resistência daquele lugar, mas que parecia não suportar o revés de ser retirado do seu lar:

[...] Tio Totó estava envelhecendo. Não pelos cabelos brancos, porque havia muito que ele já os tinha. Não porque andasse meio trôpego nem porque já trouxesse a voz meio rouca. Não eram essas as marcas da velhice de Tio Totó. Ele envelhecia porque estava perdendo as esperanças. Envelhecia porque nem a vontade de recomeçar de novo tinha. Envelhecia ao fazer um balanço de toda a sua vida e só ver a morte como uma única saída (Evaristo, 2017, p. 39).

A narrativa, impregnada de memórias pessoais e coletivas, transforma o espaço urbano em um elemento central e dinâmico, essencial para a compreensão da identidade e da história dos personagens. Assim, a obra não apenas registra, mas também reivindica um lugar de pertencimento e visibilidade para os que habitam os *becos da memória*, contribuindo para uma literatura que é ao mesmo tempo local e universal, individual e coletiva.

Durante a construção da narrativa, Evaristo utiliza metáforas para revelar os mecanismos que compõem a maquinaria da memória. Antes de nos aprofundarmos no uso da metáfora e como ela possibilita à autora construir um discurso sobre os movimentos de presença e ausência da memória, é importante analisar a metáfora sob uma perspectiva tropológica, ou seja, como uma estratégia de figuração da linguagem usada por ficcionistas e historiadores “para dotar seus discursos de significados latentes que exigem que suas obras sejam não apenas recebidas como mensagens, mas também lidas como estruturas simbólicas” (White, 1991, p. 2).

Dessa maneira, os discursos geográfico, identitário e literário no romance *Becos da Memória* revestem a memória de Conceição Evaristo, intimamente ligada à experiência de despejo de sua origem e de seu lugar de pertencimento. O aspecto ficcional da memória é lapidado na narrativa de Evaristo a partir da dialética entre palavra, lembrança e esquecimento, onde a palavra, modelada pelas metáforas, é a matéria-prima de criação e reflexão, além de ser a grande personagem do enredo.

Além disso, a autora também examina os efeitos do ato de recordar na vida presente da personagem. Estratos temporais se sobrepõem à medida que a protagonista convive com sua avó e sua tia, Maria-Velha, que também é contadora de histórias e guardiã dos segredos dos becos.

Esses elementos se entrelaçam na vida dos residentes, configurando um espaço de reminiscências, resistência e memória.

Assim, Maria-Nova passa a perceber o espaço compartilhado por todos os indivíduos como uma “Senzala-favela” (Evaristo, 2017, p. 73), onde o bairro vizinho representa a casa-grande e a favela, a senzala. Ao questionar seus arredores, Maria-Nova identifica um ponto de encontro de diversas temporalidades, histórias e identidades. Portanto, pensar o espaço implica pensar na maneira como os sujeitos o praticam: sua situação, localização e habitação. Por isso, diz-se de Maria-Nova que “Crescia violentamente por dentro.” (Evaristo, 2017, p. 76).

Esse crescimento violento lhe rouba o direito de ser criança e viver sua infância sem preocupações adultas. Esse sentimento é constantemente reforçado pela dor que ela percebe em si mesma e nos outros. No entanto, seus sofrimentos são apenas reforçados pelo despejo da sua comunidade.

Maria-Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por quê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria-Nova sentia uma grande angústia. (Evaristo, 2017, p. 37).

As histórias de violência doméstica e assédio que ela ouve, experiências majoritariamente negativas no dia a dia, são ressignificadas em suas narrativas. Sua consciência de que pode mudar o curso daquela história ao se apropriar de outros espaços, carregando consigo as histórias de sua origem, torna-se um processo de resistência e formação de uma identidade coletiva do grupo.

É importante notar que a experiência de escrever parte sempre das vivências sociais e subjetivas, que são marcantes em nossa memória, e que a junção entre imaginação e ato criativo possibilita a confecção de um texto com sentidos e sensibilidades. Mas como a experimentação da autora em relação ao processo de desfavelamento é conduzida pela forma narrativa a partir da memória no plano da escrita ficcional? Qual é a verdade peculiar de Conceição Evaristo?

Eliza de Souza Araújo (2019), em seu artigo “Becos da Memória, de Conceição Evaristo: uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil”, defende que a voz da memória ficcionalizada guia o leitor pelos becos, buracos e alas de vidas daqueles geralmente ignorados ao transitar pelos espaços principais da cidade, A vida e experiência da autora, misturada com a recriação dos espaços e situações de que se lembra, formam um texto que utiliza o material autobiográfico como recurso, ficcionalizando a partir desse lugar onde já habitam as memórias.

Do tempo/espaço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. (...) Tudo era narrado, tudo era motivo de prosapoesia. (Evaristo, 2005, sn/)

O trecho transcrito abre a discussão de Conceição Evaristo no artigo “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face” (2005). Ao contextualizar sua relação pessoal com a literatura, a contação de histórias e a leitura, Evaristo recorre às suas vivências e memórias dentro de casa, na presença de sua família. Articulando esse contexto, Evaristo destaca algumas das mais importantes ideias que fundamentam a construção de *Becos da Memória*: a família e as memórias, que tomam forma através do discurso presente naquelas histórias narradas no romance. Esses elementos constroem o espaço de pertencimento e identidade.

## Considerações finais

A partir do momento que Conceição Evaristo decide criar Maria-Nova e desvelar ao mundo a realidade experienciada por ela através da ficção, tomou as rédeas daquilo que a sociedade dizia não lhe pertencer, sua história. Pela escrevivência, a escritora traz a seu público fatos, mas pelo de sua subjetividade. Sua voz, e de seus semelhantes, ressoam ao lado daquilo que seria conhecido e reconhecido, talvez, por meio de uma falsa objetividade de registros documentais.

Dessa maneira, o romance publicado por Evaristo é a materialização da sua rebelião contra a História, aquela de H maiúsculo, responsável muitas vezes pelo esquecimento daqueles cujas histórias eram consideradas não dignas de serem compartilhadas. A escritora consegue materializar o desejo carregado desde da tenra idade, e também manifestado pela personagem Maria-Nova, seu possível alter ego,

Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (Evaristo, 2017, p. 138).

A memória, como pontua Pollak (1989), é constantemente disputada, especialmente a coletiva. Por isso, a exposição de estórias/ histórias como a de Conceição contribuem com um esforço comunitário de desafiar as “verdades” proclamadas por essa sociedade desigual. E, finalmente, reivindicar o reconhecimento de sua existência, sua experiência, sua vivência única, assim como, reestabelecer seu vínculo e de seus pares com o local do qual um dia foram expulsos. Assim, se as dores dos despejos da favela são constantemente ignoradas, não são registradas ou consideradas, seja pelo noticiário, seja pelos compilados históricos, é pela literatura que Conceição encontra vazão para compartilhar as vicissitudes desses grupos.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por meio do Programa Edital 16/22 – Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) - Pós-Doutorado - Estratégico.

## Referências

ACAUAN, Ana Paula. ESSE LUGAR TAMBÉM É NOSSO: escritora Conceição Evaristo busca vaga na academia brasileira de letras. **Revista PUC-RS**. Porto Alegre, s/n. set. 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/#>. Acesso em: 01 de jul. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. 132p.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário do Jatobá. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MONTEIRO, Carlos A. de F. Travessias da crise (tendências atuais na Geografia). **Revista Brasileira de Geografia**, no50 – Número Especial – Tomo 02. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, p. 127-150, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: [https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 01 de jul. de 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1991, p. 21-48. Disponível em: <https://oficioliterario.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/01/teoria-literaria-e-escrita-da-historia.pdf>. Acesso em: 01 de jul. de 2024.